

PRIMEIRO CAPÍTULO

Em que reinam a desconfiança e o desânimo

Borralleiro estava habituado a silêncios constrangedores, tendo partilhado durante anos uma casa pequena com uma família que nunca o compreendera e que nunca chegara verdadeiramente a conhecer. No entanto, sempre conhecera melhor os seus pais e os seus irmãos do que aqueles três indivíduos que com ele partilhavam o espaço escuro da gruta, onde se tinham abrigado da chuva, e a sensação nunca fora tão opressiva como aquela que experimentava na presença de Aprendiz, Vasilisa e Burra. Até mesmo a incômoda extroversão de Capuchinho teria sido preferível àquela tensa quietude, mas a rapariga saíra para caçar algumas horas antes.

Em boa verdade, a tensão devia-se sobretudo a Burra, pois os outros dois eram mais estranhos do que propriamente ameaçadores. Aprendiz isolara-se a um canto, como já era seu hábito, acompanhado pelos vultos translúcidos de Caçador, Cozinheiro e Governanta, que o jovem apenas tinha autorização para invocar quando Capuchinho não se encontrava presente, pois as discussões entre ambas acerca das virtudes do pudor tornavam-se cansativas. Presos ao seu mestre por grilhões diáfanos, os três cochichavam com ele, sempre solícitos com conselhos e recomendações dos serviços que podiam prestar, mas Aprendiz ignorava-os, olhando com a sua sempre angustiada expressão para o fogo que outros espíritos tinham ateado e que iluminava lugubrementemente a gruta, encovado-lhe as feições com sombras bruxuleantes, enquanto o feiticeiro se aconchegava à capa de pelo de cabra que usava sobre a túnica. Fazia por passar despercebido, mas Borralleiro já reparara como ele ocasionalmente declinava o olhar do lume para Vasilisa, que se encontrava encolhida a um outro canto da gruta, abraçada às pernas e com o rosto

embaçado pelos joelhos. A rapariga não dissera uma única palavra desde a torrente de desculpas motivada pelo facto de a sua caveira ter reduzido os couraceiros da Rainha Má a torresmos, e limitara-se a acenar com a cabeça a tudo o que lhe diziam, preferindo manter-se afastada de todos. A caveira estava sossegadamente enfiada no cabo de ancinho partido que segurava numa mão, sem qualquer indício do seu mortífero fogo virulento a cintilar-lhe nas órbitas escuras, mas não inspirava a mínima confiança e estava frequentemente debaixo do olho de Mama-na-Burra, este postado à entrada da gruta para vigiar o exterior e, ostensivamente, para manter os seus companheiros debaixo de olho.

Era, de facto, sobretudo a ele que se devia a atmosfera opressiva no interior da gruta: à sua presença minaz, ao desmedido espadagão que trazia às costas, ao olhar hostil que parecia avaliar a cada relance o direito à vida dos outros três. Burra não escondia o quanto desconfiava das habilidades arcanas de Aprendiz, parecia estar à espera de uma desculpa para partir Vasilisa em duas e provavelmente via Capuchinho como uma fera raivosa a abater; nem mesmo Borrallheiro se furtava às suas atenções, pois, enquanto frágil elo que unira tão díspar grupo, era aparentemente responsável por tudo o que os outros pudessem fazer.

«*Isto está bonito, está...*», pensou este último, afagando o lado do rosto que fora golpeado pelo cão de uma pistola, quando o coice do disparo o surpreendera. «*Cada um a seu canto, sem que ninguém troque palavra a não ser para se ameaçarem ou provocarem... e é com esta gente que tenbo de ir até à Lua?*»

Mãe Gansa dissera-lhe que encontraria outros que o poderiam ajudar na sua demanda, que para isso bastaria fazer-se à estrada, e assim, de facto, acontecera. O problema era que pareciam dispostos a tudo menos a ajudá-lo, quanto mais seguirem as direções de uns versos obscuros para, ao que tudo indicava, virem a defrontar o que quer que o espelho da Rainha Má lhes tentara mostrar. Ainda era tudo muito vago: a única coisa que Borrallheiro sabia era que tinha de adquirir um qualquer *Andersenal* no palácio de uma tal Rainha da Neve, assim como um *Grimmório* de um fulano que dava pelo nome de Dom Twardowski e que vivia na Lua.

— Na Lua... — repetiu Borrallheiro para consigo em voz baixa, o que ainda assim lhe mereceu um desconfiado olhar de relance de Burra. Ainda não conseguira processar tudo o que acontecera no paço da Rainha Má, todos os nomes, todas as informações adicionais, a caveira de Vasilisa, a forma híbrida de Capuchinho... e, claro, o facto de ter de ir à Lua.

O jovem abanou a cabeça com um suspiro. Ter, não tinha, porque nada daquilo era uma obrigação. Não fizera qualquer promessa a Mãe Gansa e a sua família estava morta; não devia nada a ninguém, nem tão-pouco tinha alguém por quem lutar. Não tinha de visitar torres inundadas, nem dormir com lobisomens, nem ser malhado na cabeça por aldeões, nem interromper bailes de máscaras com o fígado e os pulmões de uma rapariga bonita na ementa, só para de seguida matar toda a gente... Tudo isto porque fizera demasiadas perguntas. Porquê? Como? Onde? O quê?

Razão tinha a sua família, que sempre lhe dissera isso mesmo, que fazia demasiadas perguntas, que havia coisas que não valia a pena saber, que, se mais ninguém se preocupava com os assuntos nos quais partia a cabeça a pensar, então por alguma razão haveria de ser. Infelizmente, agora que conseguira dar vaga resposta a muitas das dúvidas que, durante tanto tempo, o tinham atormentado, deparava-se com todo um leque de novas perguntas igualmente prementes e a única ilação que daí se podia tirar era que não podia deixar de se sentir atraído pela procura das respostas às mesmas. Tal como dantes, em busca de respostas até às últimas consequências.

«Uma traça, é isso o que eu sou», acabou por concluir. «Sou uma traça a voar contra a luz e não descanso enquanto não me queimar.»

Insatisfeito com a sua própria análise, Borrallheiro acabou por se levantar da capa de pelo de cabra que fazia as vezes de tapete no chão, ajustando o seu casaco preto e puído, enquanto percorria a gruta com o olhar. O silêncio que imperava no interior incomodava-o, mais ainda do que a fome que sentia, mas nenhum dos seus companheiros parecia estar com disposição para conversar: Aprendiz continuava avesso a estabelecer contacto visual e a falar com seres de carne e osso, Vasilisa parecia recear que algo acontecesse caso se dirigisse a alguém, e não havia nada na postura de Burra que desse a entender que desejava conversar. Contudo, foi precisamente isso que Borrallheiro decidiu fazer, até porque era sobretudo devido à atitude hostil dele que os outros estavam algo retraídos. Este era, porém, um daqueles casos em que nem sequer falar era fácil, pois Burra não reagiu à sua aproximação, permanecendo com os enormes braços cruzados e encostado à entrada, com a cabeça virada para o exterior e cara de poucos amigos, enquanto parecia estar a tentar matar a chuva com o olhar.

— Isto é que tem andado um tempo desgraçado, hã...? — indagou Borrallheiro, encostando-se ao lado oposto da entrada.

Silêncio, embora fosse verdade, pois quase não parara de chover desde que tinham fugido do paço da Rainha Má. Borrallheiro franziu o nariz devido aos bocados de sangue seco que lhe restavam nas narinas desde que fora golpeado pelo coice da pistola, e olhou para o céu daquela noite chuvosa. A Lua divisava-se através das nuvens cor de chumbo apenas na forma de um baço brilho argênteo. Vê-la apenas reforçava mais ainda o absurdo da situação, uma vez que era para lá que aparentemente teria de se dirigir mais cedo ou mais tarde, pelo que o jovem optou por olhar novamente para Burra. Tal como os outros, havia muito acerca dele que Borrallheiro não sabia: de onde vinha a força que lhe permitia empunhar aquele desmedido espadagão que parecia pesar tanto quanto um touro, a que se devia a cor e a textura nada natural dos seus cabelos dourados, que espécie de panacea era a pomada que tinha num dos dois cornos de boi dependurados do cinto e, sobretudo, qual a história por detrás daquela orelha vermelha e carcomida que trazia no colar.

— Querias alguma coisa? — perguntou Burra sem sequer olhar para ele, falando com um tom que não puxava propriamente para a conversa.

— Como? Se eu queria alguma coisa? Oh, não, longe disso... — afirmou Borrallheiro, surpreso por lhe ter sido dirigida palavra. Nos últimos dias, praticamente só falara com Capuchinho, e isso apenas porque ela parecia gostar de provocá-lo mais do que aos outros. — Estava só... bem, sabes... aqui a pensar para comigo... essa, hum, orelha que tens aí ao pescoço?

O olhar nada amigável que Burra lhe dirigiu pareceu deixar-lhe mais carregadas ainda as sobrancelhas escuras, que já de si sobressaíam acentuadamente no rosto pela forma como contrastavam com a cabeleira dourada. Borrallheiro mexeu os lábios, mas o único som que lhe saiu foi o balbuciar hesitante de quem acabara de pisar algo com um ruído suspeito e não sabia se o melhor era ficar quieto ou afastar-se o quanto antes.

— Não é da tua conta — acabou Burra por dizer, libertando-o do seu olhar ameaçador.

— Oh, é claro que não é da minha conta, não tenho nada que ver com isso nem me diz respeito nenhum, longe de mim... — foi Borrallheiro tropeçando, entremeando sorrisos nervosos com um concentrado franzir da testa, como se estivesse a tentar articular uma ideia complexa. — Só pergunto porque, entendes, já que estamos a viajar... a fugir juntos, aliás... se calhar, bem, era capaz de ser boa ideia sabermos um pouco uns sobre os outros. Não achas?

— Não sou vosso companheiro — sentenciou Burra sem tirar os olhos do exterior, mantendo, com os braços cruzados, uma postura perfeitamente hermética a quaisquer aproximações.

— E ninguém aqui te está a chamar isso, nem nada que se pareça... somos só pessoas que, olha, se encontraram no meio de uma situação estranha, não foi?

Silêncio, de permeio com o som das gotas de chuva a amassarem o tapete de folhas mortas à entrada da caverna.

— Afinal de contas, tu também viste... quer dizer, se calhar só ouviste, mas estavas lá quando perguntei ao espelho da Rainha Má quem é o responsável por tudo aquilo que se passou, de quem é a culpa por as coisas estarem como estão. Ouviste, não ouviste? E viste também, convenhamos?

Burra tornou a fitá-lo, tão hostil como dantes, mas, desta vez, com uma nota de advertência no olhar que fez Borracheiro engolir em seco. Os seus próprios cabelos pareceram fulgurar à laia de aviso ao refletirem a luz do fogo.

— A única coisa que ouvi foram os gritos de agonia de homens a serem queimados vivos, consumidos pelas chamas verdes de uma caveira demoníaca, empunhada por uma bruxa que tu insististe em ajudar — declarou, e Borracheiro julgou ver, na sua visão periférica, Vasilisa encolher-se mais um pouco. — A única coisa que vi foi um necromante a invocar espíritos do submundo para animar os corpos, os corpos de homens mortos por uma besta-fera que se oculta por detrás da fachada de uma tentadora núbil. Agora diz-me tu...

O matulão afastou-se da parede, mantendo os membrudos braços cruzados, e curvou-se diante de Borracheiro como uma gárgula inquisidora.

— Por que razão haveria eu de partilhar o que quer que seja convosco quando, voto a Deus, pelo menos três de vocês mereciam morrer pelo meu aço?

Borracheiro não ousou virar o rosto, mas reparou pelo canto do olho que Aprendiz e Vasilisa se encolheram um pouco mais. Estava razoavelmente certo de que a sua pessoa não se incluía no hipotético número, mas o tom de ameaça na voz de Burra não lhe dava quaisquer garantias, sobretudo num momento em que a quase caricata corpulência do seu recalitrante companheiro parecia preencher totalmente a entrada da gruta.

— Bom, antes de mais, há que ter em conta que, *be, be*, as aparências iludem, não é verdade...? — alvitrou com um risinho nervoso,

apercebendo-se do quanto se chegara à parede ao roçar a pedra com um encolher de ombros. — E também, convenhamos, se realmente achasses que o merecíamos, já nos terias podado a todos à uma, até porque há espaço para nós os três e mais um nesse teu chanfalho, não achas?

Novo silêncio. As próprias gotas de chuva pareciam cair com mais cuidado, como se procurassem evitar interromper.

— Mas estamos a esquecer-nos de uma coisa muito importante — lembrou-se Borrallheiro, erguendo um indicador que cedo murchou. — Estamos a esquecer-nos de que isto faz todo o sentido. Repara, encontrámo-nos por acaso na estrada, deparámos com perigos inesperados, unimos esforços apesar das nossas diferenças e juntos prevalecemos diante deles. É exatamente assim que as coisas se deviam passar. Ah, e em consequência de tudo isto viemos a encontrar um propósito maior, que é o de descobrir de que se tratava aquela... *coisa* que fez o espelho da Rainha Má começar aos berros e partir-se em mil pedaços. Lembras-te, não? Aquilo que aconteceu quando quis saber quem era o responsável por tudo o que se passou connosco e com o resto do mundo, porque é que as coisas estão como estão, qual o motivo pelo qual tudo correu tão mal... É por isso que estou aqui e não na cabana da minha família, sabes? Bem, por causa disso e pelo facto de terem sido todos mortos por um trol que agora está a fazer de estátua estripada à entrada...

Borrallheiro teve de fazer uma pausa para recuperar o fôlego e não perder o fio à meada, pois sentia-se a começar a divagar como era seu hábito sempre que se enervava. Curiosamente, à medida que falava, e apesar de todas as suas anteriores dúvidas, ele próprio ia ficando mais convencido daquilo que dizia, mas Burra não parecia partilhar da sua interpretação dos eventos recentes. Ainda assim, e embora a sua postura se mantivesse inalterada, houve algo que o fez hesitar, antes de o seu olhar se entenebrececer e desviar subitamente para o exterior da gruta com um franzir cerrado das sobrancelhas.

— O que f-aaaahhhhh! — assustou-se Borrallheiro ao olhar por cima do ombro e distinguir um enorme vulto lupino com o pescoço de um animal morto nas fauces.

Capuchinho passou alegremente entre ambos, arrastando de cabeça erguida um corço cujos cascos roçaram os sapatos de Borrallheiro, emitindo um ruído gutural à laia de cumprimento. Também Aprendiz e Vasilisa se sobressaltaram e o jovem feiticeiro não sossegou nem mesmo ao reconhecer a sua companheira, pois esta encaminhou-se na

sua direção para diante dele plantar o corço com um baque de carne morta e chifres a embater contra a pedra.

— Ora aí está — proclamou Capuchinho, de focinho ensanguentado diante de Aprendiz e dos três espíritos, sendo que apenas estes últimos olhavam para ela, pois o seu mestre evitava o contacto visual e mantinha os olhos nervosamente fitos no corço.

— *Hum. Pequeno* — comentou Caçador, um vulto de exageradas feições que apenas podiam ser descritas como rapinantes, que esticou a corrente que o unia a Aprendiz ao aproximar-se da carcaça para a examinar. Estava vestido a rigor para uma vida no bosque e tinha os modos bruscos de quem estava habituado a trabalhar sozinho, falando de costas para os presentes. — *Mande preparar, hum, jovem mestre. Ali ao fundo. No fundo da gruta. Por causa do cheiro. Não há moscas com a chuva. Mas por causa do cheiro. Pode haver bichos. É melhor.*

— *Você e esses seus açougueiros vão estragar-me o bicho* — insurgiu-se Cozinheiro, torcendo nervosamente o seu avental translúcido nas mãos. — *Assim não dá, assim não tenho condições para trabalhar...*

— Olhem, vocês façam como quiserem... — disse Capuchinho, cuja voz os outros ainda não se tinham habituado a ouvir da bocarra de um lobo. — Eu é que já não faço mais nada. Por isso, a menos que se despachem, começo a comer o bicho cru.

— *Francamente* — repreendeu-a Governanta com uma exclamação de ultraje. — *Isso são modos, menina?*

— Aprendiz... — advertiu Borracheiro, aproveitando a deixa para se afastar de Burra, enquanto o olhar deste destilava aversão por Capuchinho.

A reação do jovem feiticeiro não se fez esperar e Governanta sumiu-se com um gesto seu, ao qual se seguiu um gesticular arcano na direção dos paus, tiras de couro e pedras afiadas que se encontravam dispostos no chão.

— *Vinde, larvas, há trabalho a fazer,
Com estes objetos vos quero em maridança!
E preparem como o Caçador bem entender,
Este corço para a nossa pítança!*

Caçador e os espíritos assim invocados não se fizeram rogados, possuindo desabridamente os diversos objetos e ferramentas dispostos no chão e começando a esvoaçar em redor do pau afiado de que Caçador se apoderara. As patas posteriores do corço foram atadas a um ramo de acordo com as ordens lacónicas deste último, para de seguida a carcaça ser arrastada até ao fundo da gruta, onde começaram a prepará-

-la num frenesim de movimentos bruscos, cochichos e o som de pele a ser rasgada por pedras mal afiadas.

Nisto, Capuchinho ergueu-se sobre as patas posteriores, quando o seu corpo se começou a deformar com o ranger de articulações e o estalar de ossos, à medida que assumia a sua forma humana. Não era nada que o grupo ainda não tivesse visto, sobretudo Borracheiro e Aprendiz, mas a transformação continuava a inspirar neles um misto de temor e fascínio, seguidos de um embaraço causado pela subsequente nudez da rapariga. Também Vasilisa ficou espedada a fitá-la de olhos esbugalhados e apenas a expressão de Burra se manteve inalterada.

— Hummm — gemeu Capuchinho, entrelaçando os dedos uns nos outros antes de erguer os braços e esticar o corpo diante de Aprendiz, que ficou a olhar embasbacado juntamente com Cozinheiro, este momentaneamente esquecido dos maus tratos que estavam a ser infligidos ao seu coração. — É verdade: pareceu-me ouvir lá fora, quando vinha a caminho, que alguém nos queria limpar o sebo. Eras tu, Mama?

A rapariga sacudiu exageradamente a desgrenhada cabeleira ruiva ao olhar por cima do ombro para Burra. Ainda não perdera uma única oportunidade para o provocar desde que se tinham encontrado, e, embora o matulão ainda não lhe tivesse dado qualquer saída, era óbvio que Capuchinho estava a brincar com o fogo. O que apenas parecia incentivá-la mais.

— Bom, quanto a isso, não sei, mas, quando quiseres, estás à vontade para me espetar... — continuou ao virar as costas a Aprendiz, fletindo um joelho e salientando uma anca antes de nela plantar a mão numa postura da mais perfeita imodéstia.

Na expressão de Burra não se alterou uma única ruga, permanecendo nela vincada uma máscara de desdém e de mal contida fúria retributiva, ao passo que, na de Capuchinho, nada mais se via além de uma malícia lúbrica, essa enfatizada pelo erguer de uma sobrancelha e pelo lamber do canto da boca. A tensão tornou-se rapidamente insuportável para Borracheiro, que tomou a iniciativa de ir buscar as roupas que Capuchinho deixara espalhadas a um canto, metendo-se entre ela e Burra por forma a quebrar a redobrada tensão que se instalara na gruta.

— Toma, aqui tens as... tuas roupas... — tartamudeou, sabendo perfeitamente para onde devia olhar, mas vendo-se em dificuldades para manter os olhos num só sítio diante da nudez da companheira, que o fitou com ar divertido. O luzir do fogo nas costas dela refulgia-

-lhe a lanugem alourada dos braços e das pernas, e o seu sorriso ladino de pequenos dentes brancos adquiriu contornos quase sinistros no rosto ensombrado. — Se te quiseses... vestir... isto é.

— Então e porquê? Não gostas do que vês...? — indagou Capuchinho, levando as mãos ao cabelo e achegando-se a Borralheiro com um perfeitamente intencional requebro no passo. Os olhos do jovem arregalaram-se um pouco mais, o seu corpo tornou-se mais hirto com a proximidade da lobisomem e as roupas que segurava enrugaram-se quando as apertou com mais força.

A abordagem de Capuchinho não tinha tanto de sedutor como de rapace, pois os gestos eram largos e bruscos, a cupidez do olhar adquiriu contornos depredadores e as narinas fremiram quando lhe arreganhou os dentes diante do rosto.

— Ah, pois, é verdade — lembrou-se ela, descontraindo subitamente e soltando os cabelos para, de seguida, pegar na sua vestimenta. — Tu não me achas bonita. Tinha-me esquecido...

— Não...? — atabalhoou-se Borralheiro, esquecendo-se de soltar as roupas quando a rapariga lhas tentou tirar. — Eu... não era isso...

Capuchinho sobressaltou-o a ele e aos outros ao roncar e fazer arremesso de lhe morder a mão; Borralheiro saltou de susto e deixou cair as roupas, encolhendo-se reflexivamente, mas a rapariga limitou-se a trincar a ponta da língua e a rir de forma ameninada antes de enfiar desajeitadamente o imundo vestido branco pela cabeça abaixo. Borralheiro endireitou-se e deixou o coração sossegar, aclarando a garganta e ajeitando o casaco com ar de quem fora visto a tropeçar e queria fazer de conta que nada se passara, mas reparou que a reação dos seus companheiros ao gesto de Capuchinho também não fora propriamente serena: Aprendiz estava encolhido como um cágado sem carapaça, Burra levava a mão ao punho da espada e Vasilisa observava tudo com grandes olhos azuis assustados, agarrada ao pau da caveira.

— ... *com cuidado. Senão desfazem isso. Desfazem isso tudo* — ouviu-se a voz de Caçador ao fundo da gruta. — *Está bota. Essa pedra. Deviam afiar.*

— Tu... ahem... — disse Borralheiro, olhando alternadamente para Capuchinho e para as roupas que tinham caído ao chão, procurando fazer conversa enquanto ela tentava enfiar os braços pelas mangas rotas e folgadas, pois o silêncio prolongava-se e Burra ainda não afastara a mão do punho da espada. — Reparei que tu tens... bem, uma outra forma. Assim mais... humana. Quase. Lá no paço?...

— Hum? — indagou Capuchinho, fartando-se e rasgando um pouco mais a manga ao passar a mão bruscamente por ela. — Ah, isso. Sim, mas eu prefiro a forma de lobo.

— A sério? Porquê?

— Gosto de ter quatro patas. Sou mais rápida e sinto-me mais livre. Além disso... — disse, agarrando os seios com ambas as mãos com o pretexto de os ajustar ao vestido amarfanhado. Quando os olhos de Borralheiro baixaram devido à sugestão do gesto, Capuchinho chamou-lhe a atenção com um estalar de dentes que o sobressaltou novamente. — Consigo morder com muito mais força...

— Ah...

— Pois é. Agora diz-me uma coisa... — pediu ela, pegando nas suas meias caídas e indicando Vasilisa com o queixo. — Tu não és capaz de parar quieto e o Mama tem de ficar a vigiar a entrada, mas porque é que a nossa amiga está ali tão sozinha e longe do fogo?

— Bem... — hesitou Borralheiro, olhando para Vasilisa à espera que esta se manifestasse, mas a rapariga apenas baixou o olhar e abraçou-se com mais força às pernas. Enquanto esperava, Capuchinho cruzou uma perna para enfiar a meia num pé com um gesto muito pouco elegante, mas ao ver que, tão cedo, não obteria resposta, tratou de ir ao encontro da visada ao pé-coxinho, enquanto enfiava a outra meia.

Vasilisa reagiu com susto à inesperada e atabalhoada aproximação, e inclinou-se ligeiramente de lado para se afastar de Capuchinho quando esta se acorou diante dela. Os outros três companheiros limitavam-se a olhar, sem saberem o que esperar de cada gesto da lobisomem, como se esta se pudesse virar contra eles a qualquer momento, qual lobo em pele de cordeiro.

— Então diz-me lá, ó Vanessa... Vanalissa...

— Vasilisa — esclareceu a própria timidamente, olhando de lado na direção de Capuchinho sem a fitar diretamente.

— Isso. Porque é que estás toda encolhida e sozinha a este canto, quando o fogo está ali? — indagou Capuchinho, inclinando a cabeça num gesto de curiosidade canina. — Não tens frio?

A rapariga acenou timidamente com a cabeça, sem contudo nada dizer e sem, por uma única vez, estabelecer contacto visual.

— Então estás à espera de quê, que alguém te convide? Anda, deixa de ser tímida...

— Não posso — disse Vasilisa, afastando-se, quando Capuchinho tentou agarrar-lhe o braço. — O fogo apaga-se e depois vocês todos ficam com frio também...

— O... fogo apaga-se? — admirou-se Borrallheiro, manifestando a descrença que Capuchinho apenas expressou através do sobrolho franzido.

— Sim. Se me aproximar muito, o fogo apaga-se. E não quero que vocês fiquem com frio também.

— Olhem mas que cinco, hã? — gozou Capuchinho, olhando por cima do ombro para os outros. — Um orienta-se por uma chave, outro chama espíritos para lhe lavarem a roupa, outro anda com uma orelha vermelha ao peito e agora também temos uma que apaga fogos só de se chegar a eles!

O seu tom era meramente divertido e não particularmente malicioso, mas Vasilisa sentiu-se evidentemente gozada e pareceu murchar, retraindo-se com uma expressão entristecida. Capuchinho franziu os lábios, afetando uma expressão compadecida ao estender-lhe os braços para a consolar com um abraço.

— Oh, coitadinha... anda cá, não fiques tristonha...

— Não... por favor...

As órbitas da caveira luziram então em advertência, alumando Capuchinho com uma luminescência cor de bÍlis que a fez ficar parada na mesma posição acorada e de braços abertos. Também os outros ficaram espedados a olhar, tementes e hesitantes, quando o fulgor virulento se refletiu nos seus olhos na semiobscuridade da gruta. Burra crispou os dedos no punho da espada e parecia tê-la torcido com o intuito de a desencaixar dos suportes de ferro dos talabartes, mas não chegara a desembainhá-la. Ninguém falou, ninguém se mexeu e o único som que se tornou a ouvir por entre a chuva no exterior foi a voz de Caçador, que continuava a repreender de forma monocórdica os outros espíritos no fundo da gruta.

— ... *as tripas. Cuidado com essa. Senão cagam o bicho todo. Estragam a carne.*

— Bem... — começou Capuchinho ao fim de alguns instantes contados a batidas de coração, mostrando as palmas das mãos e baixando o olhar de sobranceiras arqueadas. — A gruta está um bocado para o fresco, mas não estou assim com tanto frio para essa tua caveira ter de me aquecer, por isso, olha... tem uma santa noite e faz lá como entenderes...

Dito isto, a rapariga ergueu-se, afastando-se a passos largos e saltitantes com braços a balouçar, como se fingisse estar assustada. Via-se, no entanto, que nem tudo nos seus gestos era fingido, sobretudo quando olhou por cima do ombro para se certificar de que não

iria ser carbonizada pelas costas, sossegando apenas quando o brilho esverdeado esmoreceu nas órbitas do crânio assustador. Por sua vez, Vasilisa parecia triste e envergonhada, encolhendo-se com o esmorecimento de quem não desejava ser visto; a forma como segurava o pau da caveira dava a entender que preferia que os companheiros também não estivessem a olhar para ela, um desejo ao qual todos menos Burra não tiveram qualquer problema em corresponder. Capuchinho pegou no seu capeirote vermelho caído no chão e passou-o por cima dos ombros, atando os cordéis e esboçando novamente o seu sorriso matreiro, enquanto se dirigia a Aprendiz, que, como sempre, reagiu com receio à sua aproximação.

— Escusas de traçar as saias, rapaz. Não te vou morder... — aquietou-o ela em vão, entrevando por completo o jovem feiticeiro ao deitar-se e apoiar a cabeça sobre as pernas dele como um cão faria. — Ih, que pernas tão ossudas. Não te ponhas a pau, não, que eu ainda tas roo se as tuas aventesmas estragarem o corço...

Aprendiz parecia prestes a rebentar de constrangimento, tamanho era o desconforto que o contacto humano lhe aparentava causar — sobretudo o de Capuchinho, que demonstrava o mais puro desrespeito pelo espaço pessoal dos outros —, mas não ousou manifestar-se de forma alguma e remeteu-se a um silêncio hirto de não menos rígidos membros.

«*Deus nosso senhor, o que é que estou a fazer com esta gente?*», questionou-se Borrallheiro ao observar a volátil dinâmica do grupo que parecia prestes a dissolver-se tão depressa quanto se formara. Se é que se podia dizer que se formara de todo; provavelmente, ainda nem tinham chegado a esse ponto. «*Metade quer matar a outra metade... e do pouco que vi e ouvi, a outra metade se calhar até merece morrer...*»

Na altura, tudo parecera fazer sentido, pelo menos aos seus olhos. Aprendiz juntara-se a ele com o intuito de remendar algo de mau que fizera, uma meta que, aos olhos de Borrallheiro, até era louvável, embora preferisse não pensar muito na natureza do ato do jovem feiticeiro, pois acabava sempre por se lembrar da caveira com a cunha de uma machadinha nela embebida; a machadinha que agora trazia ao cinto. Por sua vez, Capuchinho optara por acompanhá-los por mero capricho e dava a impressão de poder partir a qualquer segundo, caso não decidisse virar-lhes o dente antes disso, mas o seu motivo era tão legítimo quanto qualquer outro para se juntar a um bando de desconhecidos rumo a um destino incerto. Vasilisa, essa, decidira juntar-se ao grupo porque fora salva por Borrallheiro: um motivo que, de tão desprovido de interesse

próprio que era, se afigurava quase absurdo, embora aos olhos do jovem tivesse parecido a coisa mais natural do mundo na altura. Já Burra... ainda não sabia o que pensar do matulão, pois da boca dele quase só tinham saído ameaças e, mais ainda do que no caso de Capuchinho, tinha a sensação de que os outros se deviam dar por afortunados por ele não ter decidido que o melhor era mesmo vará-los aos três que nem perdizes no espeto. Felizmente para todos, o próprio Burra parecia ainda não saber ao certo o que pensar do grupo, das circunstâncias em que os encontrara e do propósito que agora aparentemente os unia, embora nenhum deles além de Aprendiz demonstrasse qualquer interesse na demanda de Borracheiro. Nem sequer tinha a certeza de que o que eles tinham presenciado no paço da Rainha os persuadira de que algo tinha de ser feito, ou de que, pelo menos, tivessem ficado convencidos de que algo de muito errado se passava com o mundo.

«Ou, se calhar, até ficaram; a verdade é que nem cheguei a ter uma conversa decente com nenhum deles, nem antes, nem depois do paço...», reconheceu o jovem, que, desde o seu fatídico encontro com Mãe Gansa, ousara ter esperança. Esperança de que alguém, por fim, compreendesse aquilo que, durante toda a sua vida, sentira, aquilo que mais ninguém parecera capaz de compreender: que as coisas não deviam ser assim como eram, que tinha de haver um motivo para que tudo lhe tivesse corrido tão mal a ele e aos outros; outros como aqueles quatro indivíduos atormentados que ali com ele se encontravam.

— Então e olha lá... — interrompeu Capuchinho como em resposta aos seus pensamentos, inclinando o rosto sobre as coxas de Aprendiz para olhar para Borracheiro. — Todo aquele palavreado do espelho, aqueles nomes esquisitos... é disso que tens de ir à procura agora? Era isso o que esse teu *perro-ultimato* dizia?

Pois, essa era outra. Ainda nem sequer tivera ocasião de discutir com os demais o passo seguinte a tomar, até porque não tinha como saber se estavam ou não dispostos a fazê-lo ou se queriam dar outro passo que fosse com ele.

«Bom, talvez seja altura de descobrir...», concluiu. Devidamente animado pela demonstração de interesse por parte de Capuchinho, Borracheiro encheu-se de coragem e de ar para inchar o peito e tornou a aclarar a garganta antes de se dirigir ao grupo com uma voz que, pelo menos aos seus ouvidos, pareceu autoritária.

— Ouçam todos... Não se querem chegar aqui perto do fogo...? Bom, talvez tu não, Vasilisa, mas tu, Burra, porque é que não te juntas a nós, hum?

O matulão não deu qualquer motivo para não o fazer e deixou-se estar à entrada, uma vez mais de braços cruzados, mas com uma rigidez que denotava a mesma prontidão de antes para partir para a agressão. Vasilisa deixou-se também ficar onde estava, embora, pelo menos, o olhar que lançou a Borrallheiro fosse um pouco mais conciliatório do que o de Burra, esse claramente indisposto a fazer a mais pequena concessão.

— Pois, está bem... — assentiu o jovem, aproximando-se mais do fogo e posicionando-se de costas para o fundo da gruta, de modo a poder olhar para o grupo inteiro. — Recapitulemos, então: como vocês devem ter ouvido, antes de se partir, o espelho da Rainha Má disse-me onde eu poderia encontrar duas coisas: o Andersenal e o Grimmório. São eles o cristal e o livro de que o Perraultimato fala.

Borrallheiro deu uma palmadinha no estojo tubular que pendia do seu cinto, dentro do qual se encontrava enrolado o pergaminho que Mãe Gansa lhe deixara.

— O Burra e a Vasilisa ainda não sabem, e já agora aproveito para repetir aos outros: o Perraultimato é um texto que me foi deixado por... uma senhora que sabia o que se está a passar ou, pelo menos, sabia explicar melhor do que ninguém o que nos sucedeu a todos, porque a verdade é que ela também não me conseguiu dizer ao certo o que aconteceu... — A avaliar pelas expressões dos seus companheiros, o jovem tão-pouco estava a conseguir fazê-lo. — Bem, não interessa. Foi o Perraultimato que me levou ao paço da Rainha Má, e lá vocês viram o que aconteceu quando perguntei porque é que as coisas estavam como estavam. Ouviram o grito horrível do espelho quando me tentou explicar por que razão as nossas vidas nos tinham corrido tão mal... e a palavra importante aqui é precisamente «razão». As coisas aconteceram por uma razão... Bem, todas as coisas acontecem por alguma razão, o que eu quero dizer é que tudo aquilo que nos correu mal aconteceu por uma razão específica e essa razão, ao que parece, é capaz de fazer um espelho berrar até se partir em mil pedaços. E destruir mobília. E... Bem, vocês viram.

Assim fora, e Borrallheiro notou nas caras dos seus companheiros que estes ainda tinham bem presente aquilo que acontecera no paço da Rainha. O que estava, contudo, longe de significar que partilhassem da sua opinião quanto às implicações, tal como já anteriormente constatará com Burra.

— Seja como for, para descobrir quem ou o que é que aquilo era, tenho de seguir as instruções do Perraultimato. — Outra palmadinha

no estojo tubular, como se indicando a existência do dito pudesse, de alguma forma, corroborar as suas palavras. — É por isso que agora vou à procura do cristal que ele refere, para então poder ler o tal livro... que me vai listar os ingredientes para um unguento que... Bem, aparentemente trará de volta as memórias *daquela que se lembra*. E depois... Bem, depois alguma coisa há de acontecer quando essa tal que se lembra se lembrar daquilo que afinal não se lembra, imagino...

— Bom, quanto a vocês não sei — interrompeu-o Capuchinho, assustando Aprendiz ao apoiar-lhe as mãos nas pernas e erguendo o torso —, mas, enquanto suas excelências estavam aqui de papo para o ar, andei a galgar os bosques à caça e estou cheia de fome. Olha lá, ó aventesma — disse, dirigindo-se a Cozinheiro, cuja presença flutuante até então ignorara. — Tu ainda demoras muito quando as outras tiverem acabado de preparar o bicho?

— *Ora... eu não preparo carne para cães de caça, menina...* — ofendeu-se o espírito, pousando os punhos sobre o espaço vazio onde as ancas do seu corpo destroncado se encontrariam.

— Pois, foi o que me pareceu. Sendo assim, vou ali comer uma tripinha ou um fígado e vocês podem continuar à espera, se quiserem.

Dito isto, e embora tivesse sido ela a puxar a conversa, Capuchinho levantou-se sem mais delongas e dirigiu-se ao fundo da gruta, fazendo com que Borrarheiro perdesse por completo o fio à meada do seu já divagante discurso. O jovem ainda tartamudeou e gesticulou um pouco numa vã tentativa de reter a atenção dos seus companheiros, mas a interrupção de Capuchinho deu início a uma debandada de atenção, que se viu incapaz de conter. Burra foi o primeiro, virando as costas a todos e tornando a encostar o ombro à parede para retomar a sua vigia, sem que o seu cenho se tivesse suavizado minimamente desde o início da conversa. Aprendiz retraiu-se novamente para o seu mundo atormentado, onde, aparentemente, não era digno de partilhar o espaço com outras pessoas, muito menos privar com elas. Vasilisa remeteu-se ao silêncio que parecia ser o seu estado natural, o de uma rapariga assustada que preferia que mais ninguém reparasse nela nem lhe desse atenção, não fosse algo de horrível acontecer.

«*Pois...*», conformou-se Borrarheiro com um suspiro. «*Isto vai ser tão difícil quanto eu pensava...*»